

A LEITURA COMO PRÁTICA DIALÓGICA DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM ENFOQUE DISCURSIVO

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira – PROLING/UFPB¹

RESUMO

Nesta pesquisa pretendemos investigar como a Teoria Dialógica pode contribuir para uma concepção de leitura como uma construção dialógica de sentidos. Para tanto, usaremos como aporte teórico-metodológico a Teoria Dialógica da Linguagem desenvolvida por Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 2009; 2011 e 2015; VOLOSHINOV, [1976], [2005]). Metodologicamente, este trabalho terá a abordagem qualitativa de cunho interpretativista como um suporte para descrever e interpretar os fatos discursivos (os enunciados produzidos na interação entre o autor, o leitor e o mundo; os signos constituídos no processo de escrita). O *corpus* será constituído por um conjunto de dois (02) textos relacionados ao discurso político, pertencentes ao gênero discursivo charge; esses textos serão usados como um lugar-discursivo para a construção de sentido. Como resultado, esperamos apontar uma concepção de leitura que postule sujeitos leitores capazes de compreender os elementos verbais e não-verbais da linguagem humana.

Palavras-chave: Teoria Dialógica. Leitura. Sentido.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, queremos apresentar uma concepção de leitura a partir de uma ótica construtivista-interacionista. Para tanto, convocamos os princípios dialógicos que estabelecem a teoria da linguagem instaurada pelo Círculo de Bakhtin (VOLOSHINOV,

¹ Aluno de pós-graduação em nível de doutorado, sob a orientação do professor Dr. Pedro Farias Francelino.

[1976]; VOLOSHINOV, [2005]; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, 2011, 2014). Nesse sentido, chamamos a atenção para uma noção de leitura que é compreendida além das fronteiras do interior da língua. A leitura é estabelecida como um processo de construção interacional que envolve os elementos exteriores à estrutura linguística, principalmente aqueles que estão relacionados à historicidade, à axiologia, à cultura, etc. Dessa maneira, o sujeito-leitor será considerado como um ser constituído socialmente, ou seja, como um indivíduo dotado de uma consciência formada pela influência de uma consciência coletiva que constitui os múltiplos pontos de vista sobre compreensão do mundo enunciado nos processos interacionais.

Essa concepção de sujeito suporta a ideia de um ser social capaz de avaliar o outro como um sujeito também constituído socialmente e que compartilha de elementos enunciativos oriundos dos processos interacionais. Esses elementos são os pontos característicos para que a avaliação do sujeito fundamente os processos de valoração e de compreensão da linguagem do outro. Por assim dizer, queremos estabelecer a ideia de um sujeito-leitor capaz de compreender o outro apenas se esse outro estiver inserido no processo de interação e compartilhar da carga de valoração comum entre esses sujeitos.

Esta pesquisa foi desenvolvida em consonância com a seguinte pergunta: a partir da ideia de leitura como prática dialógica, como são estabelecidos os sentidos nos processos de interação entre leitores constituídos como sujeitos sociais? Essa pergunta traz à tona possíveis aberturas para podermos compreender: a noção de sujeito no campo da Teoria Dialógica (doravante TD); a noção de linguagem; a noção de enunciado; a noção de signo ideológico, dentre outros elementos imprescindíveis nesse campo teórico. Esses elementos configuram a ideia de uma percepção de leitura como uma avaliação de sujeitos sociais sobre os fatos sociais que ocorrem nos diversos processos de interação que acontecem nas múltiplas esferas da criação ideológica.

Sobre os aspectos metodológicos, podemos afirmar que esta é uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativista, que tem por finalidade descrever e interpretar

os fatos discursivos oriundos dos processos de interação entre sujeitos sociais. O *corpus* está constituído por um conjunto de dois (02) textos relacionados ao discurso político, pertencentes ao gênero discursivo charge. Esses textos foram usados como um lugar-discursivo para a construção de sentido. Nos textos foram investigadas as possibilidades de como o sujeito-leitor pode compreender a construção de sentidos nos processos de interação social.

2 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA TEORIA DIALÓGICA

A TD, proposta pelo Círculo de Bakhtin, estabelece elementos imprescindíveis para os estudos da linguagem. Dentre esses elementos, podemos destacar: a linguagem como um instrumento de interação social; o processo de enunciação; o produto da enunciação (o enunciado); os sujeitos constituídos socialmente; as esferas de atividade social; e as condições sociais para que aconteça a enunciação. Através desses elementos, surgem as diversas demandas de interação social, bem como os fatos de linguagem que acontecem a partir dessas demandas.

Todo esse processo traspassa os elementos que constituem a ordem linguística da linguagem, isto é, o processo de comunicação humana não está relacionado, diretamente, a um sistema linguístico imanente, mas ao todo que envolve o sujeito, o mundo, a compreensão que o sujeito tem do mundo, o modo de expressar essa compreensão, as materialidades semióticas que carregam as valorações do mundo e os horizontes sociais que constituem os cenários onde acontecem as interações humanas.

O processo de comunicação institui um complexo de respostas oriundas de outros processos de interação ocorridos no passado e que podem vir à tona no futuro. São essas respostas os fatores essenciais para que os fatos de linguagem sejam, extremamente, inacabados, ou seja, um evento social caracterizado de outros eventos sociais, um complexo de vozes que ecoam, polifonicamente, para que o dizer humano seja compreendido como algo único e singular em cada momento de comunicação.

Partindo desse entendimento, podemos formular um questionamento, de elevada importância, referente a como o sujeito, para se comunicar, avalia o mundo e como essa avaliação é posta nas diversas materialidades semióticas. Vejamos o questionamento: como o sujeito exerce compreensão na valoração que é posta nos enunciados? Sobre esse questionamento, é importante lembrar que o termo “compreensão” está relacionado ao que podemos denominar como “ato de leitura”, em outras palavras, como o sujeito consegue ler e como essa leitura é estabelecida a partir de uma prática dialógica de construção de sentidos.

Esse ato de leitura que queremos estabelecer pode ser entendido como a compreensão das trocas enunciativas que acontecem quando existe a interação entre os sujeitos e, desse modo, esses sujeitos constituem a ideia de um outro, um interlocutor que passa a existir a partir do momento em que a palavra é expressa por um desses sujeitos. Na verdade, cada sujeito envolvido no processo de interação é compreendido como locutor e interlocutor ao mesmo tempo, pois à medida que a palavra é passada para o outro sujeito, passará a existir uma avaliação referente às respostas daquilo que foi enunciado.

Pensar a leitura como uma prática dialógica de construção de sentidos, requer de nós entender que “a compreensão do enunciado pelo ouvinte [...] já contém em si mesmo elementos de resposta” (VOLOSHINOV, [2005], p. 4) e essa resposta é instituída como um “acordo ou desacordo com o que se diz” (VOLOSHINOV, [2005], p. 4); “sob a forma de uma troca de enunciado” (VOLOSHINOV, [2005], p. 4). Nesse sentido, a palavra dialogismo nos demanda um entendimento de que as trocas de respostas não são, necessariamente, imediatas, mas são construções que vêm do grande complexo de respostas que constitui o discurso interior do sujeito, uma base discursivo-valorativa formada pelo conjunto coletivo de respostas sociais que compõem uma voz interior a qual está, a todo tempo, orientado o sujeito a estabelecer valorações em suas trocas enunciativas.

Ao se colocar como interlocutor, o sujeito compartilha uma valoração comum com o seu locutor, pois, se não houver essa partilha, pode não haver uma

compreensão sobre o que se está querendo dizer. Sobre esse comum, podemos destacar que é preciso haver, entre os sujeitos, uma construção de sentido conjunta, fundamentada por um contexto comum, a partilha do conhecimento de um “conjunto de circunstâncias imediatas que suscitaram o enunciado, e das causas sociais imediatas que estão na origem do ato de comunicação verbal considerado” (VOLOSHINOV, [2005], p. 9).

As causas sociais imediatas são informações, oriundas do lado extraverbal da linguagem, que constituem o discurso interior dos sujeitos interlocutores, elementos que puderam ser compartilhados em um dado momento de interação, vivido por esses sujeitos. Aquilo que é compartilhado pelos sujeitos, pode ser compreendido como “os aspectos dissimulados do enunciado, mas que os locutores conhecem” (VOLOSHINOV, [2005], p. 10).

O aspecto dialógico que estabelece as trocas enunciativas é, de fato, um conjunto de informações, advindo do conjunto das enunciações perpassadas no tempo. Esse conjunto de trocas enunciativas se institui como:

Uma senha conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo campo social. A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríades de conexões com o contexto extraverbal da vida, e uma vez separados deste contexto, perdem quase toda sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados (VOLOSHINOV, [1976], p. 6).

A ideia de contexto na TD está relacionada ao que foi denominado lado exterior da linguagem (cf. VOLOSHINOV, [1976]). Isso compreende que, além das materialidades semióticas, existem valores sociais, históricos, axiológicos, culturais, etc. que são enunciados em diversos momentos do tempo e, esses valores, são retomados a cada momento de enunciações presentes ou futuras. Além dessa carga valorativa, existem um horizonte social, participantes e certas necessidades

comunicativas que orientam esses participantes a valorar as palavras e as outras materialidades semióticas, estabelecendo sentidos únicos e, mesmo que essas materialidades venham ser usadas em outros momentos enunciativos, recebem valores completamente diferentes dos que tenham sido conferidos nas enunciações passadas.

Sobre a orientação social existe uma “dependência do enunciado face ao peso hierárquico e social do auditório (isto é, tendo em vista a(s) classe(s) social(is) a qual pertence(m) os interlocutores, sua situação financeira, sua profissão, sua função[...]” (VOLOSHINOV, [2005], p. 8). Essa ideia de estratificação de classes sociais nos faz entender que existem valorações pertinentes a determinadas classes e, visto isso, podemos conceber a sociedade como um lugar de interação, construído a partir de um nivelamento que atribui a cada indivíduo, pertencente ao seu domínio ideológico, uma constituição subjetiva feita a partir de elementos sociais. Desse modo, a linguagem também é estratificada e é posta como um instrumento de comunicação permeado pelas forças centrífugas e centrípetas que constituem essa determinada classe. Desse ponto de vista surge a ideia de que, para cada domínio ideológico, existem forças sociais constitutivas de tipos de enunciados. Essa ideia foi denominada, pelo Círculo de Bakhtin, como Gêneros do Discurso.

Pensemos nesses gêneros do discurso como forças sociais que criam, recriam e organizam o uso da linguagem nas diversas esferas sociais. De acordo com Voloshinov ([2005]), esses elementos de uso e de criação estabelecem as mudanças nas formas de linguagem, na ordem em que ela acontece e na sua dependência com os contextos sociais. De modo mais específico, podemos afirmar que é pelos gêneros do discurso que pode ser estabelecida uma relação entre a sociedade e o sujeito, principalmente no que diz respeito: “a organização econômica da sociedade” (VOLOSHINOV, [2005], p. 2); “a relação de comunicação social” (VOLOSHINOV, [2005], p. 2); “a interação verbal” (VOLOSHINOV, [2005], p. 2); “aos enunciados” (VOLOSHINOV, 2005, p. 2) e “as formas gramaticais da linguagem” (VOLOSHINOV, [2005], p. 2).

De maneira ainda apriorística, Voloshinov ([2005]) estabelece que a ideia de gênero do discurso está relacionada aos tipos de comunicação social que acontece nas relações de trabalho, de negócio, quotidianas, dentre outras. Em um momento posterior, Bakhtin (2011, p. 262) afirma ser os gêneros do discurso “tipos relativamente estáveis de enunciados” que acontecem pela ordem de demanda entre a esfera social, e a atividade de linguagem desempenhada nessa esfera. Em outras palavras, podemos pensar os gêneros do discurso como demandas sociais de criação e organização da linguagem, que acontecem para ordenar o processo de interação entre os sujeitos construídos socialmente. É tanto que esses gêneros são constituídos a partir de repertórios sociais; são tipos de enunciados organizados historicamente, que podem ser retomados a qualquer momento para atingir um fim comunicativo nas esferas de criação das atividades de linguagem.

A partir dos gêneros do discurso, o sujeito pode realizar o seu projeto enunciativo e organizar sua comunicação de forma particular, ou seja, o sujeito expressa, de seu modo, em um certo tipo de enunciado, suas valorações e seus pontos de vista, bem como escolhe as materialidades semióticas para que essa valoração possa ser manifesta. Além disso, esse sujeito pode dar acabamento a esse tipo de enunciado, organizando e compondo enunciados a partir de valores sociais e materialidades semióticas que são harmonizados como um elemento único e concreto, um complexo de respostas trazidas à tona nessa unidade concreta para que seja compreendida em um certo momento de interação. Veja o que afirma Bakhtin (2011, p. 261):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Os integrantes dos campos da atividade humana são os elementos principais para que exista o emprego dos enunciados nas esferas da atividade humana, pois, o processo de comunicação só acontece graças a uma necessidade comunicativa que esses integrantes têm, para exercer no processo interação, o uso da linguagem. A partir dessa necessidade de comunicação, podemos pensar em uma necessidade de leitura, ou seja, em uma necessidade de esses sujeitos compreenderem as respostas enunciativas dos seus interlocutores. Para tanto, precisamos entender que a construção de sentidos dialógicos no processo de compreensão do outro se faz de acordo com o grau de partilha que cada sujeito tem das respostas enunciativas que são constituídas na dispersão do tempo. O sujeito só compreende o outro a partir da comunhão de valores existentes no discurso interior desses sujeitos. São trocas enunciativas usadas para atingir uma determinada finalidade comunicativa, são respostas sociais que são reconstruídas para fazer valer o projeto enunciativo de cada sujeito. Essas trocas não são ideias novas, ideias criadas pela força do momento da interação. Pelo contrário, são ideias já enunciadas, ideias estabelecidas na historicidade do uso da linguagem, porém são ideias que são recriadas a partir das necessidades comunicativas de cada sujeito.

Se existem condições específicas e finalidades em um determinado campo de atividade humana, é preciso perceber que essas demandas são constituídas pela força da interação entre os sujeitos e essa força interacional exige que o sujeito constitua valores semióticos, valores sociais, valores históricos, valores axiológicos, etc. em seu tipo de comunicação. O sujeito se porta como um maestro que rege, em forma de enunciado, um conjunto de vozes estabelecidas tanto pelos elementos internos quanto pelos elementos externos da linguagem. Essas vozes são organizadas e harmonizadas pelo regente, para estabelecer o enunciado como uma unidade, como uma produção da comunicação humana, algo que ultrapassa as fronteiras linguísticas, que se apropria de diversos valores que estão além do lado interior da língua, mas que constrói uma comunicação, considerando essas partes como um todo.

A ideia de comunicação está relacionada à maneira como esse sujeito, constituído por um complexo de valores sociais, constrói a composição de enunciados através de um jeito próprio de organizar a linguagem e expressar, nessa linguagem, um coro de vozes sociais manifestas na palavra, no gesto, nos movimentos do corpo, nas cores, nos produtos de consumo, dentre outros. Podemos pensar essa conjuntura da manifestação da linguagem como o processo de criação e recriação de signos ideológicos. Como afirmam Bakhtin/Volochínov (2009, p. 16):

O signo e a situação social estão indissolúvelmente ligados. Ora, todo signo é ideológico. Os sistemas semióticos servem para exprimir a ideologia e são, portanto, modelados por ela. A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale só para os sistemas ideológicos constituídos, já que a ideologia do cotidiano, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas.

De acordo com a afirmação dos autores mencionados, podemos pensar em como acontece a relação entre a constituição de signos ideológicos e as forças sociais que exigem essa demanda. Nesse sentido, vemos que a constituição do signo ideológico é feita pela atribuição de múltiplos valores sociais que à palavra e às outras materialidades semióticas são dadas pelos sujeitos nos processos de interação. São os pontos de vista culturais, históricos e axiológicos que impregnam as materialidades de uma carga infinita de valorações que constituem o discurso interior dos sujeitos sociais. Na verdade, os pontos de vista constituintes do discurso interior é uma soma dos pontos de vista coletivos que se manifestam, de maneira particular, em cada indivíduo. Esses pontos de vista não se criam apenas através de uma capacidade cognitiva e biológica de cada sujeito, mas pela inserção de muitas valorações construídas nos processos de interações.

A relação entre signo ideológico e a situação social estabelece a linguagem como um lugar comum onde acontece a expressão dos pontos de vista nas palavras e nos outros sistemas semióticos. Desse modo, a conjuntura do signo reúne elementos que são suficientes para estabelecer uma unidade concreta de comunicação, ou seja, um produto de linguagem feito pela união entre sujeito, sociedade, historicidade, axiologia, cultura e materialidades semióticas. A ideia de unidade concreta se faz não apenas por essa conjuntura, mas também pela necessidade comunicativa do sujeito, orientada como resposta a um outro que se faz como ponto de orientação das avaliações e das valorações feitas pelos sujeitos interlocutores.

A mobilização de sentidos nos signos ideológicos acontece graças ao movimento contínuo constituído pela força do complexo das respostas históricas que dão valor as palavras. Isso pode ser compreendido a partir do que Bakhtin/Volochínov (2009) estabeleceram sobre o signo como um produto ideológico. Nesse sentido, os autores afirmam que:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 31).

Nesses termos, podemos entender que, pela ideia de reflexo e de refração, se estabelece o movimento exterior à linguagem, que compõe a renovação de sentidos dos signos. Assim, à uma devida palavra podem se atribuir diversos valores, e isso não faz dessa palavra algo imóvel, estático, cristalizado, mas uma unidade concreta de sentidos, constituída pela força das condições de cada interação e pela necessidade comunicativa de cada sujeito. A palavra não pode ser empregada pelo sujeito como uma apenas unidade linguística, pois, se assim acontecesse, essa palavra não poderia

ser compreendida nem caracterizada como um signo, mas como uma materialidade semiótica desprovida dos valores constituídos pela vida. Essa palavra seria apenas uma unidade morta da língua; algo que foi estabelecido com o destino de ser cristalizado e não poder ser deslocado nos diversos processos de interação.

Quando tocamos na questão do reflexo e da reflexão, queremos expressar a ideia de que os pontos de vista coletivos que se individualizaram no sujeito podem vir à tona e manifestar sentidos únicos na unidade comunicativa, pois “cada enunciação concreta do sujeito do discurso é um ponto de aplicação tanto das forças centrípetas quanto das centrífugas” (BAKHTIN, 2015, p. 42). No entanto, será necessário compreender que não estamos tratando apenas das forças centrípetas da língua, mas das forças centrífugas que estabelecem a fuga de possíveis sentidos feitos apenas pela estrutura interna de um dado sistema. Essas forças orientam para o fato de que, para que haja vida na língua, é preciso se deslocar das unidades estáticas e se deixar levar pelas forças sociais que são manifestas em palavras. De acordo com Bakhtin/Volochínov (2009, p. 41), “dois fenômenos fortuitos e situados em planos diferentes, mas num processo de evolução social realmente dialético, que procede da infraestrutura e vai tomar forma na superestrutura”.

3 ANÁLISE DOS ENUNCIADOS

Para compreendermos como os sentidos são estabelecidos no processo de leitura como uma construção dialógica, é preciso perceber como a TD compreende os elementos comunicativos constitutivos dos processos de interação, neste caso: o que seria um leitor competente; que elementos dialógicos são estabelecidos na construção-leitora de sentidos; que elementos composicionais do gênero charge podem ser visto como elementos relevantes na construção de sentidos; e como se constituem os signos dialógicos na construção de sentidos dos enunciados. Vejamos como esses elementos são constituídos nos enunciados das Charges 1 e 2:

Charge 1



<http://www.emtempo.com.br/charge-do-dia-28-de-fevereiro-de-2015-elvis/>

Na historicidade dos fatos sociais sobre a Presidenta Dilma Rousseff, podemos constatar que, no dia primeiro de janeiro de dois mil e quinze, dia da posse do seu segundo mandato como presidenta, houve um episódio no qual ela usou um vestido que causou muita polêmica nas redes sociais. O autor da charge 1 retoma a enunciação desse fato histórico para (re)enunciar sobre outros fatos históricos (presentes) decorrentes de resultados da atuação política da presidenta no cenário nacional. Dessa vez, os eventos sociais não estão relacionados a algum ato cerimonial, mas aos possíveis escândalos causados no cenário político nacional.

A construção enunciativa da charge 1 é constituída por enunciados materializados em palavras, mas também por enunciados imagéticos. Nesse sentido, a relação harmônica entre imagens e palavras arranja um conjunto de vozes sobre diversos temas sociais que podem ser refratados a partir da enunciação do primeiro

fato histórico sobre o vestido da presidenta. No enunciado A POLÊMICA DO VESTIDO, o autor retoma os sentidos da palavra POLÊMICA para refratar sobre os eventos sociais que caracterizam os pontos de vista sociais sobre a não aprovação de algumas atitudes políticas da presidenta. Além disso, no enunciado COMO O POVO BRASILEIRO VÊ O VESTIDO DA DILMA, o autor também chama a atenção para as possibilidades de visão que o povo tem do vestido.

Essas possibilidades são deslocadas do sentido instaurado pela visão que os críticos tiveram da enunciação do vestido no evento da posse, e são reconstruídos sentidos que também estão relacionados aos problemas políticos decorrentes no ano 2015. Esse processo de mobilização e deslocamentos de sentidos acontece a partir da manifestação de sentidos instaurados por um complexo de signos ideológicos. Dentre esses signos, podemos destacar: manchas negras no vestido (à esquerda) que representa a vestimenta oficial da presidenta; a sigla do PT como identificação ideológica posta no vestido marcado pelas manchas negras; um montante de dinheiro nos bolsos e nas mangas do vestido do meio; o símbolo da Petrobrás, identificando a possível atuação da presidenta como chefe executiva e responsável pela administração da empresa; o signo que representa a roupa de prisioneiro, bem como outro signo (171) que caracteriza o dispositivo legal do Código Penal Brasileiro, que institui sobre a vantagem ilícita e o prejuízo sobre outrem.

Esse conjunto de valorações impregnadas nos vestidos da presidenta está caracterizado pela maneira particular que o autor da charge 1 encontrou para expressar, de maneira crítica, diversos pontos de vista sociais em seu próprio ponto de vista. Dessa maneira, o autor atribui tais valorações a um material semiótico característico do gênero charge: imagens e palavras. Essas valorações são estabelecidas pela multidão de fios ideológicos que constituem a construção subjetiva da presidenta Dilma como um sujeito, compreendido no campo da atividade social da política, que tem sido enunciado como responsável ou conivente com todos os escândalos e fatos relacionados aos problemas da má atuação política.

Na harmonia de sentidos, que estabelecem a historicidade da ação da presidenta como ações desonestas, ecoam vozes sociais que, de maneira jocosa, são postas em palavras e imagens, para refratar pontos de vista sobre elementos axiológicos que constroem a imagem do político como um sujeito social constituído de valores sociais depreciativos, principalmente no que concernem sobre enunciações do político corrupto.

Charge 2



<http://www.emtempo.com.br/charge-do-dia-12-de-setembro-de-2015-elvis/>

Na charge 2 o autor também constrói enunciados (em palavras e em imagens) que, para realçar a crise política do governo Dilma, reflete discursos sociais relacionados ao domínio ideológico do futebol e da música. A enunciação da crise apresenta elementos axiológicos que, de forma particular, constituem sentidos relacionados ao último estágio da escala negativa de um declínio social. Sobre esses elementos, podemos afirmar que a avaliação social que valora reflexos da crise, refrata uma realidade de declínio a partir do enunciado histórico FUNDO DO POÇO. Esse enunciado, em uma enunciação passada, reflete a ideia de alguma coisa ter caído até a

extremidade profunda de um poço. No entanto, quando o autor da charge 2 retoma esse enunciado FUNDO DO POÇO, ele enuncia três eventos sociais constituídos por reflexos das realidades de declínios para os três sujeitos sociais: a presidenta Dilma, um torcedor do Vasco da Gama e Chimbinha da Calypso.

A harmonia de sentidos da crise que decorre sobre os três sujeitos é regida por um coro de vozes constituídas por tons de tristeza pelo fracasso na má desenvoltura do Vasco da Gama no campeonato brasileiro, da desaprovação popular do governo Dilma e do desencanto na vida amorosa de Chimbinha e Joelma da Calypso. Os tons de tristeza e fracasso podem ser percebidos nos gestos corporais dos três sujeitos, pois todos estão manifestando uma linguagem corporal que expressa sentidos negativos, isso pode ser visto pelos olhos baixos desses sujeitos, pela postura corporal das mãos decaídas e até mesmo por lágrimas. Todos esses gestos corporais reúnem pontos de vista sociais que são manifestos pela valoração negativa de declínio, construída nas interações sociais. Desse modo, os gestos corroboram com a ideia de fracasso e de desencanto nas possíveis atividades sociais realizadas pelos três sujeitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da percepção dos elementos dialógicos que constituem os enunciados na Charge 1 e na Charge 2, podemos pensar sobre como pode ser constituído um sujeito leitor, capaz de compreender os processos enunciativos que envolvem os fatos sociais sobre a crise política do governo Dilma. Para tanto, é preciso entender que um sujeito leitor deve ser compreendido como um ser social que, em uma determinada esfera da atividade social, compartilha de enunciados relacionados tanto aos fatos históricos passados quanto a (re)enunciação desses fatos em outros eventos sociais. Esse sujeito, na verdade, constitui uma competência comunicativa, através da constituição de um discurso interior formado por pontos de vista sociais que estabelecem possíveis respostas enunciativas e que servem de base compreensiva

para o entendimento dos ecos das respostas enunciativas. Sendo assim, o sujeito só se torna competente na compreensão leitora dos diversos tipos de comunicação.

Em tentativa de chegarmos a uma possível resposta para a pergunta de pesquisa, podemos destacar que, para entender a leitura como uma construção dialógica de sentido, é preciso considerar a seguinte conjuntura:

- (1) o sujeito leitor como um ser constituído socialmente nos processos de interação;
- (2) que a comunicação desse sujeito é constituída em forma de enunciados;
- (3) que os enunciados são unidades concretas que expressam valorações sociais nas palavras e nas outras materialidades semióticas (imagem, gestos, expressões faciais, etc.);
- (4) que esses enunciados são organizados e constituídos a partir das demandas das esferas da atividade humana.

Essa conjuntura nos dá base para compreender que o leitor não pode ser compreendido como um agente biológico apenas com a capacidade cognitiva de compreender e representar o mundo em forma de linguagem. A nossa apreensão, sobre a leitura como um processo dialógico de construção de sentidos, se enquadra na ideia de que o sujeito-leitor se faz como uma construção social que compartilha das apreensões do mundo real e, em formas de avaliação dessas apreensões, valora em palavras e em outras materialidades semióticas sentidos constituintes das avaliações constitutivas do complexo de vozes sociais que formam o seu discurso interior.

O ato de leitura é feito como uma avaliação-compreensiva das trocas enunciativas entre os sujeitos que se comunicam em determinados campos da criação ideológica. Isso transpassa a ideia de representação do mundo em apenas semioticidades desprovidas das cargas valorativas constituintes dos pontos de vista coletivos referentes aos processos históricos de enunciação. De maneira particular, a leitura se estabelece como uma maneira de avaliação social das respostas enunciativas entre sujeitos históricos; uma prática avaliativa que acontece de acordo com as demandas dos campos ideológicos da atividade humana.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. [prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra]. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Coleção Ensino Superior).

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud, Yara F. Vieira, Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Teoria do romance I: a estilística**. [tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra de Menezes; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov] 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

VOLOSHINOV. [1926]. **Discurso na vida e na arte: sobre a poética sociológica**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição inglesa de TITUNIK, I. R. "Discourse in

life and discourse in art – concerning sociological poetics". In: VOLOSHINOV, V. N. *Freudism*. New York: Academic Press, 1976. p. 1 – 16.

_____. **Estrutura do Enunciado**. [1930]. 2005. Tradução de Ana Vaz para fins didáticos. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/81664106/BAKHTIN-Estrutura-Do-Enunciado#scribd>>. Acesso em 27. Jun. 2013.